

# STELLA

Revista Trimestral | N° 699 | Ano LXXXIII | Julho a Setembro | 2020 | 2,00€



O "MENSAGEIRO" FOI A FÁTIMA  
A ARTE COMO EXPERIÊNCIA DE FÉ CRISTÃ  
PE. FORMIGÃO E A JACINTA - VIDAS DE LUZ

# ÍNDICE STELLA

## FICHA TÉCNICA

### FUNDADOR:

VENERÁVEL PE. MANUEL NUNES FORMIGÃO

### EDITORA

Congregação das Irmãs Reparadoras  
de Nossa Senhora de FÁTIMA  
Rua de S. António, 71  
2495-430 FÁTIMA (Portugal)

### DIRETORA

M. Inez Vieira, r.f.

### ASSESSORES DE REDAÇÃO:

Ana Ferreira  
Clara Marto  
Nuno Prazeres  
Rafael Marques

### REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Francisco Marto, 203  
2495-448 FÁTIMA

### IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

#### PROGRESSO E VIDA

(Gráfica Almondina)  
Rua Gráfica Almondina  
Zona Industrial  
2354-909 TORRES NOVAS  
Contr. N.º 50061 8909

### CONTACTOS:

Revistas 249534767  
E-mail [stellaredacao@gmail.com](mailto:stellaredacao@gmail.com)  
[www.reparadorasfatima.pt](http://www.reparadorasfatima.pt)

### ASSINATURAS

Anual: 10.00€  
Amigo e estrangeiro: 20.00€  
Pagamento adiantado no início do ano  
Pagar por: Vale CTT, Cheque ou  
transferência bancária

IBAN – PT50 0018 2257 0047 7331 02086  
Swift/Bic: TOTAPTPL (SantanderTotta-Fátima)

Depósito Legal 89333/95

Registo na ERC 112380

NIF 500 835 560

Estatuto Editorial:

<http://www.reparadorasfatima.pt/revistts-stella>

**Capa:** Cardeal D. António Marto, Bispo da Diocese  
Leiria-Fátima, em oração na Basílica de Nª Srª do Rosário  
de Fátima, nos dias de Pandemia do CoronaVirus.19

Com aprovação da autoridade eclesialística



02 - 03 | Ficha técnica | Índice | Editorial

### Fátima, Stella Mundi

04 - 05 | Viagem da Senhora pelo mundo III | Nuno Prazeres

06 - 07 | "O Mensageiro" foi a Fátima | Luís Ferraz

08 - 09 | Peregrinação da imagem à sua exposição "Vestida De Branco"  
| Inez Vieira

10 - 11 | Jacinta e o Inferno | Manuel Arouca

### Fé e Vida

12 - 14 | A Arte Como Expressão da Fé Cristã | Carlos Azevedo

15 | O Canto do Pássaro | Anthony de Mello

16 - 17 | Vivência da Fé neste tempo de pandemia | Jorge Guarda

18 - 19 | A Igreja e a sua Respiração | Augusto César

### Venerável Pe. Formigão, o Homem e a Obra

20 - 21 | Formigão e a Jacinta - Vidas de Luz | Ana Paula

22 - 25 | Entrevista com Dom José Ornelas | Ecclesia

26 | Saborear a vida com Pe. Formigão | Inez Vieira

26 - 27 | Na Cova da Iria | Pe. Formigão

28 - 29 | Valorizar o Sacrifício | Carla Ramos

### Olhares da Stella

30 - 31 | A contínua luta contra um tempo disforme | Timothy Radcliffe

32 - 33 | Breves Notas Musicais | Paulo Bernardino

34 - 35 | Publicidade



Estrela do vestido branco da imagem de N.ª Sr.ª de Fátima

Caros amigas e amigos!

“VOLTAREMOS, SIM, VOLTAREMOS!”

Ressoa ainda no meu ser esta comovente afirmação feita pelo nosso Cardeal Bispo de Leiria-Fátima na Celebração da Peregrinação de 13 de maio, no altar do Recinto de Oração, sem presença de peregrinos, pela primeira vez na história de Fátima. Lançou este anúncio cheio de esperança e convicção, pois o coração lhe dizia que não estava sozinho, mas rodeado de fiéis de todo o mundo: *“talvez estejamos todos a aprender como é uma peregrinação interior no percurso mais íntimo da nossa vida,”* dizia.

De Roma, chegaram palavras de conforto, do Papa Francisco aos peregrinos, que a partir de casa assistiam ao 13 de maio, pelos meios digitais, dizendo: *“Sei que aí vos encontras, igualmente, embora apenas, de alma e coração. E a razão é simples! Um filho, uma filha não se pode ver longe da mãe e clama por ela... Hoje conseguimos apenas, da alma e do coração, fazer a ligação à Virgem Maria; e somos limitados e pequeninos. Nossa Senhora é pequenina como nós, mas abandonou-se a Deus e Ele engrateceu-A, fazendo-A Mãe sua e nossa”.* E recordou a cada um de nós: *“Não esqueçais a Sua promessa de 13 de junho de 1917: «O meu Coração Imaculado será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus»”.*

Ao longo do mês de junho, o Reitor do Santuário, Pe. Carlos Cabecinhas convida-nos: *“A retomar a vida normal aos poucos, porque para um cristão, normal é viver a sua fé em comunidade, respeitando as regras para preservação da saúde mas em comunidade. O Santuário está preparado para vos acolher, sempre no respeito, pela saúde de cada um de vós... Que Nossa Senhora, modelo de Igreja que sabe ouvir a Palavra de Deus e acolher o dom do Espírito Santo, nos ajude a vivermos com alegria este tempo. E que o Céu continue a interceder pelo Povo de Deus e pela Paz no mundo.”* E, continua a insistir no convite:

**“TODOS VÓS SEREIS BEM-VINDOS A FÁTIMA!”**

A vida não pára, o confinamento obrigou-nos a alterar os nossos hábitos de ouvir, de contemplar, de agir e de estar sempre em movimento. Não tínhamos tempo para o

mais importante, não sabíamos ver o lado bom da vida, e, talvez agora, saibamos viver com mais esperança e menos lamentações ou queixumes. É mais bonito. É mais leve e bem mais tranquilo.

É da Esperança que nascem os frutos.

É da Esperança que surge o essencial.

É da Esperança que brota o sorriso que alguém teima em devolver-nos.

Caros leitores. Cada tema desta nova edição da STELLA tem como finalidade, ser para nós, esse sorriso de Esperança de tantas cuidadoras e cuidadores que ajudam a humanidade a ser mais feliz...

MIV, rf

# Viagem da Senhora pelo Mundo III

NUNO PRAZERES

**N**a linha do habitual apontamento que trazemos à STELLA sobre as visitas da imagem de Nossa Senhora de Fátima pelo mundo, durante o ano do centenário da Escultura, fazemos, desta vez, uma viagem por África.

Os países africanos de língua oficial portuguesa estão entre os primeiros neste continente onde a devoção a Nossa Senhora de Fátima tem uma expressão notável, muito devido aos laços históricos que ligam Portugal a estas nações. Neste artigo queremos, porém, dar a conhecer a expressividade da Mensagem de Fátima noutros países africanos, onde a imagem de Nossa Senhora de Fátima é também acolhida com festiva alegria e muito afeto pelas comunidades cristãs. Um pouco por todo o continente africano são muitas as paróquias, capelas e congregações religiosas dedicadas à Santíssima Virgem de Fátima.

## África do Sul

Nos subúrbios de Joanesburgo, a maior cidade da África do Sul, realiza-se anualmente, a 13 de maio, uma peregrinação ao entardecer do dia que percorre a pé cerca de quatro quilómetros com a imagem de Nossa Senhora de Fátima. No ano de 2017, esta peregrinação reuniu mais de duas mil pessoas e culminou com a celebração da Eucaristia no santuário mariano de Schoenstatt, em Bedfordview. A comunidade de emigrantes



portugueses esteve fortemente presente. Equipas de voluntários transportaram o andor de Nossa Senhora, em ombros, acompanhadas pela multidão que rezou e cantou à Virgem de Fátima, de velas acesas, agradecendo e pedindo a paz para a região.

## Burquina Faso

Neste país africano, o ano do centenário foi assinalado em maio e outubro, em Bougenga, uma localidade onde se está a construir um santuário dedicado a Nossa Senhora de Fátima. Dos vários eventos dinamizados, salientamos o acolhimento da população à imagem de Nossa Senhora e a consagração do país a seus pés, pelo cardeal Philippe Ouédraogo. Ao mesmo tempo,



foram construídos com bancos públicos e plantadas árvores, para perpetuar, de modo simbólico, a memória do jubileu de Fátima.

## Camarões

A arquidiocese de Bamenda foi o palco das celebrações do centenário das aparições de Fátima nos Camarões, por ser também a sede do Apostolado Mundial de Fátima neste país. No dia 13 de outubro de 2017 realizou-se, pela manhã, uma bonita procissão pelas ruas da cidade, com a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Os devotos vestiram-se a rigor

[Fotos\_ Nuno Prazeres]



para a ocasião, com as suas roupas tradicionais, decoradas com motivos alusivos às aparições na Cova da Iria. Seguiu-se a celebração da Eucaristia, na qual foi benzida uma outra imagem de Nossa Senhora de Fátima para ser entronizada num Santuário local, que Lhe foi dedicado. Momento alto foi ainda a renovação da consagração dos Camarões ao Imaculado Coração de Maria, presidida pelo bispo auxiliar de Bamenda.

### Nigéria

O Apostolado Mundial de Fátima, com uma forte presença neste país, lançou o apelo aos bispos da Nigéria para que ajudassem os fiéis a celebrar o centenário das aparições de Fátima e renovassem a consagração do país a Nossa Senhora. O convi-



te foi aceite e o episcopado declarou que 2017 seria um Ano Mariano, para melhor viver as efemérides de Fátima junto das comunidades. Através de muitas iniciativas, onde sublinhamos os congressos, as visitas da imagem peregrina da Virgem pelas dioceses e pelas famílias, a devoção dos primeiros sábados do mês, o povo nigeriano mostrou a sua grande devoção à Virgem de Fátima, confiando-se à sua intercessão e proteção.

### Quénia

Em Nairobi, no Santuário de Nossa Senhora da Consolata, as celebrações de Fátima foram assinaladas a 13 de maio de 2017 com várias iniciativas. Coube à pequena comunidade de base, “Nossa Senhora de Fátima”, conduzir o programa. A adesão foi muito expressiva, quer à celebração da Eucaristia quer à procissão com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, que se realizou pelas ruas da capital, ao redor da Igreja, acompanhada pela



banda entoando hinos à Mãe celeste. As celebrações tiveram como tema “Cem anos de amor de Mãe” e deram o mote para a realização de um simpósio onde se aprofundou a mensagem de Fátima.

**Porque peregrina Nossa Senhora? Porque vai em missão de anúncio, carrega consigo Jesus, consolação e salvação para a humanidade.**

Nuno Miguel Reis Prazeres  
Diretor do secretariado do Apostolado Mundial de Fátima

Nota: este artigo baseia-se no livro “Fátima Centenary around the world”, editado pelo APOSTOLADO MUNDIAL DE FÁTIMA, que recolhe testemunhos dos vários países onde o movimento se faz representar.

# “O Mensageiro” foi a Fátima

LUÍS MIGUEL FERRAZ

A história de uma aparição na Cova da Iria, a 13 de maio de 1917, foi contada por uma menina de 7 anos à sua família e corroborada pelo irmão de quase 9 e a prima de 10 anos. As três crianças – Jacinta, Francisco e Lúcia – não conseguiram mais conter a difusão do seu relato e, apesar da pressão familiar e do próprio pároco para que o desmentissem, mantiveram sempre a afirmação de ser verdade e que a “senhora” voltaria nos dias 13 dos cinco meses seguintes.

O facto é que a notícia correu rapidamente pela aldeia, depois pela região, até chegar às páginas de um jornal nacional, *O Século*, no dia 23 de julho, com suspeitas de se tratar de “especulação financeira” por parte de “algum individuo astucioso que, á sombra da religião, quer transformar a serra d’Aire numa estância miraculosa como a velha Lourdes”.

Dois dias depois, o mesmo artigo é transcrito por *O Mensageiro*, pequeno semanário de Leiria fundado pelo padre José Ferreira de Lacerda, em 1914, para dar voz à campanha pela restauração da diocese, extinta por bula papal de 1881. Era a única presença católica entre a imprensa regional laica e republicana e assumia uma posição militante de defesa da doutrina e dos valores cristãos, denunciando sem medo o que considerasse ataque do Estado à Igreja, com evidente preferência monárquica. Sempre atento à vida social envolvente e às notícias sobre a região, publica o texto integral, sem qualquer comentário, mas altera o título de “Uma embaixada celestial... especulação financeira?” para “Aparição miraculosa?”.

Só a 22 de agosto *O Mensageiro* voltará ao tema, “a título de informação e para satisfazer a legítima curiosidade dos leitores”, publicando a carta de alguém que esteve na Cova da Iria a 13 desse mês e viu um ambiente de multidão

em oração e diversos fenómenos extraordinários da natureza, apesar de os videntes não estarem presentes, “raptados” pelo administrador de Vila Nova de Ourém. Na mesma edição, publica uma carta do pároco de Fátima, a contestar a acusação de envolvimento no “brusco arrebatamento das



destaca o tema de Fátima após aparição de outubro



[Foto\_SF]

criancinhas” pelo administrador.

A posição do jornal pode, desde logo, resumir-se na frase “*não queremos emitir juízo nem anteciparmo-nos á autoridade competente*”. Por um lado, em respeito pela decisão de validação do milagre, que só a hierarquia poderia tomar; por outro, com a cautela que se impunha num contexto de confronto permanente entre as autoridades civis e a Igreja. De facto, qualquer pretexto serviria para agudizar perseguições, sobretudo a promoção de ajuntamentos religiosos públicos, ou para ridicularizar a religião, no caso de um “milagre” que fosse desmascarado como embuste. Assim, no final de setembro, apenas publica uma breve nota sobre a ida de pessoas ao local e a publicidade a estampas com a imagem de Nossa Senhora que seriam distribuídas aos “peregrinos” a 13 de outubro, dia em que

se esperava um milagre.

É após esta última aparição, nas edições de 18 e 25 de outubro, que *O Mensageiro* vai destacar o assunto, trazendo-o à primeira página com testemunhos do “fenómeno solar” e outras coisas “extraordinárias” observadas por “dezenas de milhares” de pessoas, bem como críticas aos que negavam categoricamente a possibilidade do milagre, mesmo alguns católicos.

O grande contributo jornalístico será, no entanto, uma “curiosa entrevista” que o próprio diretor vai fazer aos

videntes, a 19 de outubro, publicada em quatro edições, entre 8 e 29 de novembro. Após o extenso rol de perguntas e respostas sobre o que viram e ouviram, conclui: “*Só me restava aguardar a decisão da Igreja que começou a organizar o processo. A dúvida que me assaltava á ida era a mesma que me acompanhava ao deixar as três creanças. Viram elas na realidade uma Imagem? Como conciliar a afirmativa de que a guerra acabava no dia 13 d’Outubro se ela ainda agora continúa? Como conciliar a previsão do fenómeno solar presenciado por tão grande numero de pessoas? Não sei. O que ouvi aí fica. Aguardemos a decisão da Igreja*”.

Nas semanas seguintes, publica ainda alguns depoimentos, cartas, relatos de ocorrências, mas sempre acompanhados da reserva quanto à veracidade das aparições. Isso mesmo afirma, definitivamente, em janeiro de 1918: “*Não sabemos nem nos cumpre a nós pronunciar-nos sobre tão melindroso assumpto. [...] Á auctoridade ecclesiastica cumpre pronunciar-se sobre o occorrido com aquella ponderação que emprega sempre em casos identicos. Emquanto isso se não der, nós, sem pormos em duvida o que milhares de pessoas affirmam ter visto (porque isso seria negar a evidencia), não diremos que houve milagre nem que o não houve. Somos filhos da Egreja e submeter-nos-emos ao que a este respeito fôr dito pelos seus legítimos representantes. Nem precipitados nem contumazes*”.

*O Mensageiro* será fiel a esta posição, mantendo um quase total silêncio sobre Fátima nos quatro anos seguintes, até o Bispo de Leiria nomear uma Comissão para o Processo Canónico Diocesano sobre as aparições.

Luís Ferraz  
Serviço de Investigação do Departamento de  
Estudos do Santuário de Fátima

# Peregrinação da imagem à sua exposição “Vestida de Branco”

INEZ VIEIRA



**O** Museu do Santuário de Fátima organizou uma exposição comemorativa do centenário da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima, venerada na Capelinha. A Exposição “**Vestida de Branco**” ocupa-se da imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e firma-se numa citação extraída do interrogatório a Lúcia de Jesus, a 8 de julho de 1924:

## Como estava vestida a Senhora?

Respondeu:

*“Estava vestida de branco, coberta desde a cabeça até à extremidade do vestido com um manto galonado a ouro, preso com um cordão dourado, terminado por uma borla também dourada, nada tendo sobre a cabeça além do manto, as mangas do vestido chegavam até às mãos postas à altura do peito e donde pendiam umas contas brancas, terminadas por uma cruz também branca, parece-me que não vinha descalça, mas não posso determinar bem porque pousava sobre folhas envoltas em luz e porque não reparei bem nos pés; via-se um*

*pouco das orelhas mas não posso precisar se tinha brincos ou não, parecendo-me contudo que tinha um fiozinho de ouro”.*

A encomenda da imagem para a Capelinha foi uma iniciativa laica. Em agosto de 1919, Gilberto Fernandes dos Santos procurou em Lisboa uma imagem da Virgem e nada encontrou. Então, dirigiu-se à Casa Fânzeres, em Braga, e encomendou uma escultura ao santeiro José Ferreira Thedim. A escultura foi feita de acordo com as instruções deixadas pelo padre Manuel Nunes Formigão, construída a partir da descrição da Senhora de Fátima em consonância com os relatos dos videntes durante os interrogatórios. Thedim procurou ainda inspiração numa imagem de Nossa Senhora da Lapa, incluída num catálogo da Casa Estrela de 1910, mas a origem sacra do modelo prima-a pela primeira fotografia desse catálogo, isto é, pela comparação entre o arquétipo e o tipo que se lhe sucede.

*O manto branco* é o motivo condutor desta exposição. É o manto que abre e encerra a exposição e que, junta-

[Foto\_SF]

mente com outros pormenores da imagem, serve de fundo aos painéis que definem os sete núcleos. São os arabescos, detalhes da faixa que ornamenta o *manto*, que orientam o percurso mantendo a textura dourada, ou apenas em recorte, num fundo uniforme mais escuro e brilhante sobre os painéis e suportes, ou criando uma mancha menos densa sobre as ampliações fotográficas. É o *manto* que nos conduz do início ao fim, em apontamentos que hegemonomizam o discurso visual da exposição.

“*Vestida de Branco*” tenta ser a materialização do estado da arte no âmbito das representações marianas ao longo da história da arte, muito centrada no caso português, torna-se uma referência obrigatória em estudos posteriores acerca da iconografia de Nossa Senhora de Fátima. Uma grande variedade de imagens da Senhora de Fátima, de diferentes tamanhos, expressões e materiais, integram esta exposição. É neste ponto que se expõe a ausência da peça principal: uma caixa vertical, com as faces revestidas com a imagem da escultura de Nossa Senhora de Fátima, à escala natural.

Foi neste espaço que, na tarde do dia 13 de junho, data em que se celebrou o centenário da sua chegada à Cova da Iria, ficou entronizada a verdadeira imagem da Capelinha. Centenas de peregrinos esperaram pacientemente em

fila, respeitando as distâncias obrigatórias pela existência da pandemia, para se aproximarem desta sua ‘nova morada’ onde por alguns minutos cada um podia admirar e contemplar a ‘*Senhora Vestida de Branco*’, rezar com o coração e fixar os olhos no olhar da Mãe que nos penetrava.

A representação mariana “*Vestida de Branco*” proporciona uma reflexão acerca do que não é dito, um exercício de memória para a compreensão do que fica implícito através de analogias e metáforas que, a espaços, trazem uma qualidade poética ao discurso museográfico e uma narrativa clara e subtil, permitindo diferentes leituras e um leque de conexões e possibilidades interpretativas. Como o enxerto da homilia do Papa Francisco, no dia 13 de maio de 2017, explicitando a analogia do manto: “**Fátima é este manto de luz que nos cobre**”. Bonito!

Inez Vieira, rf



# Jacinta e o Inferno

MANUEL AROUCA

**N**ão fuçamos aos tempos que vivemos. Tempos de pandemia, imprevisíveis, em que a morte bate com insistência à porta de cada um de nós. Nem que seja pelas quotidianas notícias.

A morte, a eternidade, não são dissociáveis da nossa vida como cristãos. Estamos aqui de passagem. E o grande objetivo é vivermos a eternidade na beleza e maravilha de Deus. Ou seja em termos práticos. Irmos para o céu (promessa que Nossa Senhora bem cedo faz a Jacinta e Francisco). Mas nessa eterni-

dade dizem que há outras realidades: o purgatório e o inferno. Ou será que o inferno existe mesmo?

Não será só um mito, tipo medieval, para nos assustar? Afinal Deus é infinitamente Misericordioso. Então fiquemos tranquilos, cometamos todos os tipos de pecados, que a misericórdia de Deus é infinita e todos vamos beber dessa beleza eterna que é o céu.

Como será à luz das Aparições de Nossa Senhora e da Mensagem de Fátima?

Após a segunda Aparição de

Nossa Senhora, o Pe. Manuel Ferreira, então pároco de Fátima, disse às crianças, em tom de ameaça, transmitindo medo, que eles não tinham visto Nossa Senhora mas sim o diabo. Jacinta não tem dúvidas que não é o demónio. Ele é muito feio. E a Senhora que eles viram era muito bonita. Mas a prima, Lúcia, também pressionada pela própria mãe, é invadida pelas dúvidas. Dúvidas essas que são povoadas por horríveis pesadelos onde predomina a horrível imagem do diabo. De tal maneira Lúcia duvida que informa os primos que não vai à



Afresco da Igreja de Chora - Istambul. O Renascimento de Cristo Baniu a Morte Opressora do Pecado

terceira aparição. Justifica num tom afirmativo. “São enganos do demónio”.

Vale a pena fazer a primeira reflexão: tudo o que Lúcia vive foi por sugestão e mitos medievais? Que lhe foram incutidos por um membro da Igreja. Ora hoje em dia, há uma realidade inversa proclamada por alguns membros desta nossa Igreja. O diabo é isso mesmo, um mito. O inferno não existe e lá vamos cair na rede da infinita misericórdia e bondade de Deus. E esta mensagem transmite-se como um vírus.

Então vejamos o que se passou na terceira aparição. Lúcia teimava em não ir. Francisco e Jacinta rezaram o terço até à exaustão para que a prima viesse com eles. Lúcia, no meio da tempestade que vive, sente um calor no peito. Um forte impulso de amor. Fura entre a multidão e vai ter com os primos: diz: “Então vocês não vão?” – “Sem ti não nos atrevemos a ir. Anda, vem” – respondem os irmãos em uníssono. “Já cá vou” – rejubila Lúcia.

E nessa terceira aparição no dia 13 de julho. O que é que Nossa Senhora lhes mostra? O inferno. Não contorna o assunto. O inferno numa visão bem horrível. Para onde vão as pobres almas dos pecadores.

O impacto é tão forte em Jacinta que ela sente a tal compaixão, a tal infinita misericórdia do amor de Deus, que fará todo o tipo de penitência e sacrifícios para salvar essas pobres almas das misérias do inferno.

Mas essa oração, penitência, súplica, é para que essas almas não vão

para o inferno. Não é que não exista o inferno. Que essas almas se arrependam e convertam para assim se livrarem do inferno e fazerem o seu percurso para o céu.

O Anjo, na segunda aparição já lhes tinha falado de fazerem sacrifícios para desagravarem os corações ofendidos de Jesus e Maria. Mas esta visão do inferno tem, sem dúvida, um impacto muito mais profundo nos atos das três crianças, com grande relevo para Jacinta.

As Aparições de Fátima são muito claras na questão do inferno. Mas se já vimos que para alguns membros do clero o inferno é virtual (ao encontro dos nossos tempos). Também há os que mergulham na mensagem de Fátima. Reclamam a sua importância decisiva para a mudança dos corações, mas um pouco como os pastorinhos terão sido influenciadas pela imaginação infantil e de todo um modo de pensar de uma sociedade ainda obscura e temente a Deus.

O importante é a oração e a conversão. A parte dos sacrifícios e da penitência, torna-se um pouco violenta, um pouco soft, para agradar a gregos e troianos que também precisam da bênção de Deus e não têm que ser assustados. (O inferno não é politicamente correto).

É curioso que Jacinta, mais que assustada, teve compaixão. Isso dá muito que pensar.

Mas todos os que se deixam tocar pela Mensagem de Fátima são

unânimes numa coisa. “É uma Mensagem que é um chamamento do próprio Evangelho.”

Recorrendo ao Evangelho: Jesus nunca expulsou demónios, nunca falou no inferno? Trata-se tudo de ficção e imaginação medieval do ser humano? Então olhemos para este Evangelho de São Lucas, capítulo 16, 22-26.

**São Lucas na Parábola do rico e Lázaro**, “*ora, aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. E estando ele nos tormentos do inferno, levantou os olhos e viu ao longe, Abraão e Lázaro a seu lado, gritou então: Pai Abraão compadece-te de mim e manda Lázaro que molhe em água a ponta do seu dedo, a fim de me refrescar a língua, pois sou cruelmente atormentado nestas chamas. Abraão, porém, replicou: Filho, lembra-te que recebeste os teus bens em vida, mas Lázaro males, por isso ele agora aqui é consolado, mas tu estás em tormento.*”

*A porta é estreita...* (foi Jesus que disse) ... Celebrando os 100 anos da morte da Jacinta. Trabalhemos em oração, sacrifício, humildade, eucaristia, ação e conversão, para que “Jesus nos perdoe e livre do inferno...” como está na jaculatória.

Sendo assim, podemos salvar a nossa alma. E ajudar a salvar a de muitos. Em tempos decisivos para a humanidade.

Manuel Arouca  
Escritor e argumentista da TV

# A arte como expressão da fé cristã

CARLOS MOREIRA AZEVEDO



Cruz do Vaticano

**N**a crise provocada pela Covid-19 a beleza teve um lugar relevante.

A arte revela uma capacidade própria e ocupa um lugar específico, como se reconhece no documento *Via pulchritudinis* do Conselho Pontifício da Cultura: “a beleza fala diretamente ao coração, eleva interiormente desde o assombro à maravilha, da felicidade à contemplação. Por isso cria um terreno fértil para a escuta e o diálogo com o ser humano e para chegar a ele na sua integridade, mente e coração, inteligência e razão, capacidade criativa e imaginação. A beleza não deixa indiferentes: desperta emoções, põe em movimento um dinamismo de profunda transformação interior que gera gozo, sentimento de plenitude, desejo de participação gratuita na própria beleza, de apropriar-se interiorizando-a e inserindo-a na vida concreta” (p. 49).

A mensagem da fé não é apenas verbal. Bastaria partir da Carta aos Colossenses (1,15) onde se afirma que Cristo “é imagem de Deus invisível”. No cristianismo a imaginação não é mero suplemento didático. Na perspectiva cristã a arte tem um papel importante, porque é capaz de afetar a íntima realidade da pessoa, de comunicar a fé. É uma expressão da fé, um sustento para a oração e um instrumento de transmissão da experiência cristã, ao lado da palavra.

Na realidade, “a criação artística possui a capacidade de evocar o inefável do mistério de Deus. A obra de arte

não é “a beleza”, mas sim a sua expressão e, se obedece a cânones flutuantes, possui um caráter intrínseco de universalidade. A beleza artística suscita emoção interior; provoca no silêncio um arrebatamento, que leva a sair de si, ao êxtase (p. 57-58).

Para o crente a beleza transcende a estética e o belo encontra o seu arquétipo em Deus. A contemplação de Cristo no seu mistério de Encarnação e Redenção é a fonte viva da qual o artista cristão extrai a própria inspiração para expressar o mistério de Deus e o mistério do ser humano salvo em Jesus Cristo.

A obra de arte cristã tem um sentido: é, por natureza, um símbolo, uma realidade que remete para mais além de si mesma e ajuda a avançar pelo caminho que revela o sentido, a origem e a meta. Neste sentido, “a beleza cristã é portadora de uma verdade maior que o coração do ser humano, verdade que supera a linguagem humana e indica o seu Bem, o único essencial (p. 59).

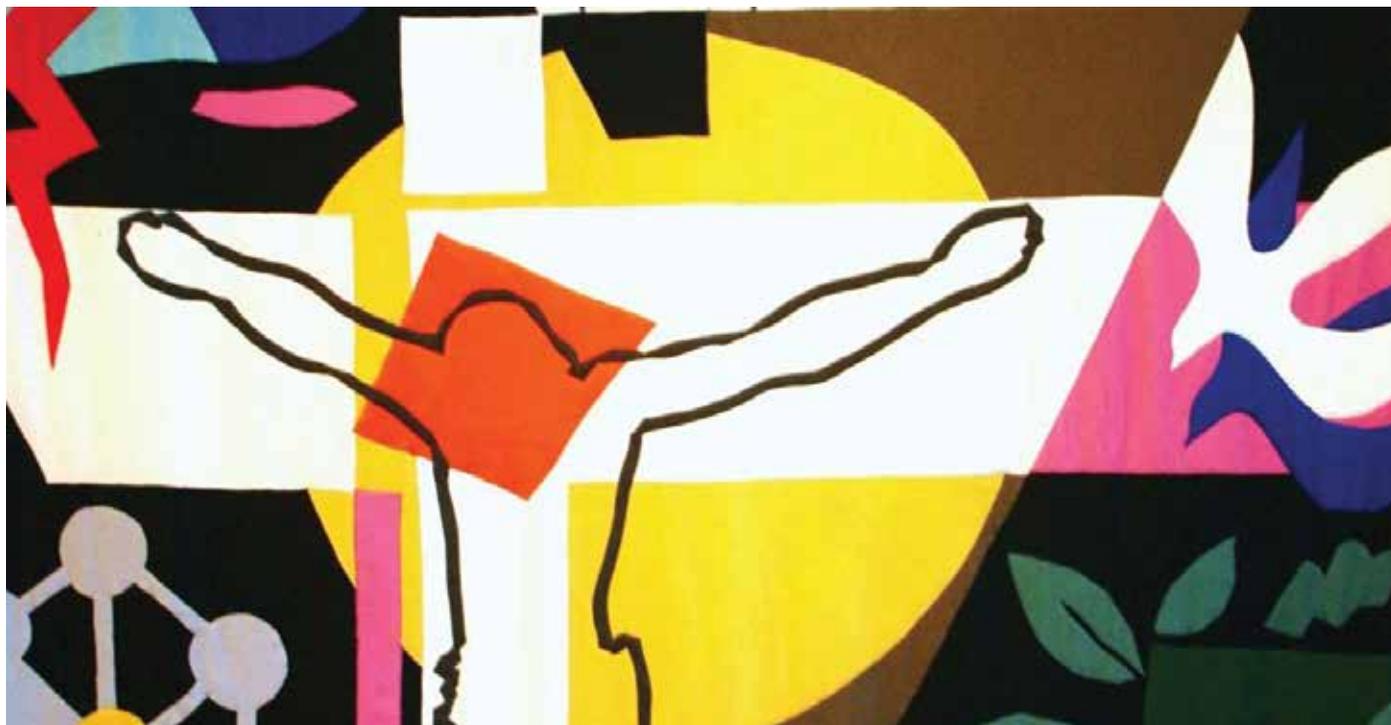
O importante, portanto, não é a sedução do sagrado, mas a conjugação entre as formas e um culto em “espírito e verdade”. Jesus afirma que é na amizade com os “seus”, inclusivamente na entrega da vida, que se manifesta a verdadeira comunhão com Deus.

A cruz não é bela segundo critérios de uma estética apolínea; antes, segundo tal visão é horrível e repugnante, como a escarnificação dionisíaca. Não desaparece a percepção trágica da existência. Cristo na cruz não tem “aparência de beleza” e a sua estética não é idealidade nem desencarnação; o seu estilo ao contrário é a encarnação e a sua beleza rebenta da fecunda relação com a verdade e a bondade.

A exposição de Cristo nu sobre a cruz é a extrema realização da obra da revelação de Deus. Aí está posta a nu toda a verdade de Deus, do ser humano e do mundo. Isto é paradoxal, é escandaloso, contradiz o sentido religioso espontâneo. Em Deus não existe outro mistério, se não o da verdade do amor, verdade do tecido das relações que o amor fecundamente compõe. Nada mais do que a liberdade da dedicação e do cuidado por quem se ama, mistério de uma palavra sempre nova na surpreendente fantasia do diálogo de amor.

Existem fenômenos de decadência, afirma-se na *Via*

[Fotos\_ Internet]



Tapeçaria Luíz Cunha

*Pulchritudinis “nos quais a arte e a cultura perdem a medida e se transformam em lúgubres hinos imensos numa cultura do esteticismo, da pura aparência, que empurra os nossos contemporâneos para o engano querendo falar de beleza efêmera e aparente como razão da sua existência...”* (p. 24). Só a forma, seria esteticismo insuficiente e igual esteticismo seria apenas o esplendor. Porque só pela forma o fragmento é janela para o mistério maior. Este processo é mais evocativo do que declarativo, capaz de suscitar vida e êxtase, mas não automaticamente.

A beleza passa pelo confronto com o mal, com os sinais da ambiguidade, com a luta no interior de cada ser humano. A vitória da beleza cristã passa pelo amor crucificado. A arte cristã abeira-nos do Mistério de Deus Santo sem trair o admirável e frágil, o consistente e digno das realidades penúltimas.

A arte contemporânea ao emancipar-se da represen-

tação exata do objeto, ao libertar-se de um conceito de beleza para preferir expressar com autonomia o que vibra, rompeu um percurso, abriu uma brecha. Torna-se mais difícil a autenticidade de uma busca espiritual verdadeiramente cristã, que vai além de ser religiosa.

Ao avaliar os produtos da arte cristã temos de ter em conta os pecados na inculturação da fé. Parecem pecados veniais mas, no entanto, são mortíferos e mortificantes da originalidade cristã, mesmo quando mantém intactas as características do belo. São os momentos de desencontro. São os pecados culturais ou os pecados da inculturação da fé que vão dos extremos da iconolatria à iconoclastia.

Existem obras de arte contemporânea que são horríveis e monstruosas e incluem-se no que o historiador de arte e conservador de importantes museus e da Academia de França, Jean Clair (Gerard Regnier) intitulou no seu livro; “o inverno da cultura” (Skira 2011). Nesta obra polémica de-



Giotto 1306\_A Visitação

fende como o ocidente é protagonista de uma “descida aos infernos”, termo com que classifica a degradação das artes figurativas. A arte reduziu-se a cultura. A atividade narcisista e a atividade cultural prisioneira das lógicas do mercado. A arte quando se separa do espaço vital do ser humano, das grandes questões da vida e da morte, inclina-se e dobra-se sobre o sujeito. Considera que “é o culto e não a cultura a ter originariamente tornado o mundo habitável”. Sente-se atualmente a necessidade de experimentar uma arte que suscite maravilha que ajude a elevar a alma em oração.

A questão joga-se nos cânones da nova estética que o cristianismo instaurou e que exige uma purificação dos sentidos. Importa dar conta do que o cristianismo acrescentou, sem nada tirar, à inclinação humana para a arte.

A estética cristã é trabalho de transfiguração, processo progressivo e doloroso que nada retira ao humano do que o marca ontologicamente como criatura, mas antes repõe na luz os esplendores sobrenaturais que o habitam. A partir desta remodelação estética o cristianismo confere à arte, produto do ser humano transfigurado, nova valência e nova significação. É o mistério da Incarnação que distingue o cristianismo das outras religiões e é por este mistério que a arte produzida por cristãos perde qualquer pretensão mimética e representativa.

A visão do mundo fechado, no círculo determinístico, é quebrada pela luz da ressurreição. Incarnação e ressurreição, não por acaso, estão marcadas simbólica e iconograficamente por raios luminosos para dizer a luz penetrante, quer nos sheol dionisíacos, quer nos olímpos apolíneos.

A arte cristã, no seu desenvolvimento através dos séculos, manifestou-se como catalisador simbólico do culto ritual que é sempre memória atualizante de salvação e não absolutização idolátrica da divindade. Assim, o rito cristão assumiu as vestes da cultura e alterou as formas; assim, a arte dos cristãos realizou-se em dimensão festiva e alegre, saindo do escuro. Acontece um jorrante encontro com a luz absoluta, a mais sensível manifestação do divino e o símbolo mais tocante da transfiguração.

Para o cristão o belo une-se ao bom, ao verdadeiro. Daqui o fascínio que exercitaram para a arte cristã da Idade Média o ouro e as pedras, o lugar da ourivesaria. Existem até tratados de espiritualidade *Lapidaria*, que fazem equivaler virtudes a cada pedra preciosa. A arte cristã, se não diaconisa a festa celebrativa da salvação e não contribui para uma liturgia segundo o espírito de Cristo, perde o seu estatuto. A festa cristã celebra-se com luzes em mistagogia celebrativa, é ícone da luz que brilha nas trevas.

Carlos Moreira Azevedo  
Delegado do Conselho Pontifício da Cultura

# História: O Canto do Pássaro

ANTONY DE MELLO

[Foto\_STELLA]



**Os alunos estavam cheios de perguntas a respeito de Deus.**

*O Mestre, então, lhes diz: “Deus é o Desconhecido, Deus é o Incognoscível. Quanto d’Ele se diga, toda e qualquer resposta a estas suas perguntas é apenas distorção do que é a Verdade”.*

*Admirados os discípulos disseram: “Então por que nos falas deles?”.*

*E o Mestre lhes responde: “Vocês sabem dizer por que o pássaro canta?”.*

**Um pássaro não canta porque tem algo a dizer. Ele canta porque traz uma melodia na garganta.**

As palavras do Cientista são para serem compreendidas. As palavras do Mestre não são para serem compreendidas. Elas são para serem ouvidas com atenção meditativa, do mesmo modo como alguém escuta o vento das árvores, o marulhar de um riacho e o canto de um pássaro. Elas despertarão dentro do coração algo que ultrapassa qualquer conhecimento.

Anthony de Mello, S.J.

N.T. Nesta história o autor intui como DEUS trabalha e habita em todas as coisas e, também como é Sua amável presença. DEUS é AMOR, desejamos ficar imersos no seu Amor Infinito.

# A Igreja e a sua Respiração

AUGUSTO CÉSAR



Pentecostes\_Pe Paulo Ricardo

A respiração da Igreja ouve-se por todo o mundo... E os ouvidos mais atentos são os do coração. Com efeito, mesmo que o mundo se distraia com a presunção da moda (“*eu é que sei... eu é que sou*”) ou ponha a sua confiança no dinheiro... não deixa de se ouvir do alto do monte Calvário, a palavra mais sonora do tempo: “*Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem*”! E, a partir daí, os discípulos começaram a dar maior atenção à ‘misericórdia de Deus’ e ao alcance ‘da própria responsabilidade’. A misericórdia de Deus, com efeito, ultrapassa toda a mesquinhez humana e atrai o sabor da fraternidade, mediante a caridade; e a responsabilidade dos discípulos, começa a pôr em prática os ensinamentos de Jesus: “*assim como Eu fiz, fazei vós também*” ... “*o que fizerdes a um destes pequeninos, é a Mim que o fazeis*”.

Ora, diante disto, acende-se a luz do Pentecostes, o Espírito Santo em forma de línguas de fogo e ouve-se a pergunta da multidão: “*o que havemos de fazer, para alcançar a vida eterna?*” E a resposta dos discípulos – “*acreditai no Evangelho e recebei o baptismo*” – é, já, a Igreja em saída... Aliás, depois de ressuscitado, Jesus havia dito: “*Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda a criatura. Aquele que crer e for baptizado, será salvo*”. E eles saíram a pregar por toda a parte, sentindo que o Senhor os acompanhava e agia com eles.

E, assim, este modo de ‘agir com eles’ ou de ‘agir neles’, permite-nos compreender que a Igreja é um verdadeiro Sacramento de Salvação; uma vez que, em Cristo, formamos um só povo, uma só família. E onde vamos buscar toda esta unidade? Ao mistério da Santíssima Trindade: *Pai, Filho, Espírito Santo!* Pois, desta forma, a Igreja que formamos, acaba por superar todas as divisões do tempo: à conta de ter um só Senhor, de professar uma só fé, de nascer dum só baptismo, de formar um só corpo vivificado por um só Espírito... e, tudo isto, em vista duma única ‘esperança’.

De sorte que, para anunciar a fé e implantar o Reino, Jesus Cristo enviou os Apóstolos e, depois, os seus sucessores (o Papa e os Bispos) ao longo do tempo, tornando-os participantes da Sua ‘missão’. Além destes, também os sacerdotes e diáconos colaboram ativamente, sentindo-se chamados e enviados. E os leigos, motivados pela fé do seu baptismo, hão de sentir-se testemunhas ativas, em todas as dimensões da sua vida: pessoal, social, familiar e eclesial.

A Igreja sente-se enviada a todos os povos... vai ao encontro de todas as pessoas... e abrange todos os tempos. E, assim, é ‘missionária’ por natureza e também é ‘santa’, pois tem Deus altíssimo como autor, Cristo como esposo que se doa totalmente a fim de a santificar, e o Espírito Santo que a vivifica em todas as circunstâncias.

[Foto\_STELLA]

E será que Maria, mãe de Jesus, também colabora neste processo divino e na sua dimensão apostólica? Para melhor compreendermos, oiçamos como Jesus reza frequentemente: *“Pai, qual é a Tua vontade?”* – pois, a vontade do Pai é o Seu ‘projeto’ de vida. Maria quando responde ao Anjo, no momento da Anunciação: *“Fiat”*, dispõe-se inteiramente a colaborar com esse mesmo “projeto”. Isto é: dá o seu consentimento total ao mistério da Encarnação, colabora com toda a alma na realização do seu Filho, acompanha a Igreja nascente e vai repetindo o que disse nas bodas de Caná: *“fazei tudo o que Ele vos disser”!* Pois, Ela é Mãe de Jesus e nossa Mãe também. Há pouco, o Papa Francisco, no contexto da Bênção Apostólica *“Urbi et Orbi”* dada em Roma, se referia a essas palavras, como advertência universal e como súplica a repetir pela Igreja, em todo o mundo.

A Igreja, enquanto Corpo Místico de Cristo, é verdadeiro Sacramento de Salvação. E saindo ao encontro de todos... vai também, ‘convocando’ a cada um, para saborear o mistério da Salvação, à conta da graça e mediante o caminho da fraternidade. Além disso, o murmúrio da sua linguagem tem sabor a ‘oração’. E a mais inspiradora de todas, é a oração do “Pai Nosso”. Ao rezarmos assim, aproximamo-nos de Deus com confiança de filhos e anulamos as distâncias entre o céu e a terra, numa consciência fraterna, independentemente da raça, cor, fortuna ou formação. Daí nascem as diversas vocações: matrimônio, vida consagrada, contemplativa, comunitária e missionária, o serviço dos pobres, a educação dos mais novos e o oferecimento voluntário em grupo ou singularmente.

A Igreja propõe-se ao mundo como um fermento que leveda ou como uma mesa posta de pão que sabe a céu: *“quem comer deste pão, viverá eternamente”*. Jesus oferecendo-se, na Última Ceia, por todos e para sempre, deixou a seguinte missão aos discípulos: *“fazei isto, em memória de Mim”*. Depois, acrescentou: *“o Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos pecadores... mas onde Ele estiver, quer que vós estejais também”*. Quer dizer: da Ceia e do Calvário fez um único ‘ofertório’, e da Sua vida e morte, o motivo completo da nossa gratidão *“para que a vossa alegria seja comple-*



Relatos de um peregrino russo

*ta”*. Resta-nos acrescentar: obrigado, Senhor, mas aumentai a nossa fé! – É esta a respiração da Igreja e a nossa **missão, também.**

Augusto César  
Bispo Emérito de Portalegre Castelo Branco

# A vivência da fé cristã neste tempo de Pandemia

JORGE GUARDA

Disseste: «O SENHOR é o meu único refúgio!»

Fizeste do Altíssimo o teu auxílio.

Por isso, nenhum mal te acontecerá,  
nenhuma epidemia chegará à tua tenda.

(Sl 91, 9-10)



Dar esperança ao outro

As palavras do salmista são promessa a quem confia e provocação na experiência do sofrimento, como a que vivemos hoje. A vida é frágil e não está nas nossas mãos. Deus é o criador e senhor da vida. Dele viemos e para ele vamos. Mas, se nos fere o mal e as epidemias nos afligem, como e quando é que Deus nos protege? A difusão da pandemia gerou medo, angústia e interrogações sobre a atuação de Deus ou a falta dela e o seu silêncio. A agravar a situação, o

cancelamento das missas e atividades comunitárias. A fé foi abalada. Vivemos realmente em tempo de provação e de dificuldade em compreender o mistério da providência e da misericórdia de Deus perante o mal.

A pandemia veio revelar a fragilidade que atinge a todos, independentemente do país, raça, religião, condições económicas ou sociais, conhecimentos ou cultura. “Todos estamos no mesmo barco”, disse o Papa, e ou nos salvamos ou nos perdemos

juntos. Somos uma única humanidade e só a solidariedade e o cuidado uns pelos outros nos pode valer. Este foi igualmente tempo de solidariedade e fraternidade universal, dimensões integrantes da vivência da fé cristã.

Se esta dolorosa experiência pôs alguns em crise de fé, também despertou noutros maior intensidade na sua vivência, remetendo-a mais para o âmbito pessoal e familiar, através da oração em casa. Os meios de comunicação social multiplicaram as possibilidades de participar em atos de culto, catequeses, oração do rosário e outras. Papa, bispos e sacerdotes esforçaram-se por oferecer meios de fortalecimento na fé aos fiéis, tornando-se pastores próximos, compassivos e zelosos. Foram ajuda e conforto para a vivência em sintonia com a Igreja, sentindo o seu apoio.

Admirável e exemplar neste sentido foi a ação do Papa Francisco. Compreendeu o risco da pandemia, defendeu as medidas sanitárias e fez pedagogia para que todos as cumprissem. Promoveu momentos emblemáticos de oração pela humanidade, como o do dia 27 de março, e outros com dimensão ecuménica e inter-religiosa, sublinhando a importância da fé e da espiritualidade no combate à doença. Celebrou missa todos os dias com transmissão, chegando assim a milhões de pessoas. Na oração, lembrou os doentes e defun-

[Fotos: Internet]

tos vítimas do vírus bem com os familiares, deu apoio espiritual aos variados grupos profissionais ocupados no serviço ao próximo. E não lhe faltou a ousadia de gestos e donativos solidários.

Entre nós, a pedido de muitos fiéis, a Conferência Episcopal Portuguesa decidiu fazer a consagração da Igreja ao Sagrado Corações de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria. No emocionante ato, realizado na basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e presidido pelo cardeal D. António Marto, associaram-se a Espanha e mais 20 países, a pedido das respetivas conferências episcopais. A oração, dirigida ao “Coração de Jesus Cristo”, suplica-lhe que assista a sua Igreja, inspire os governantes, ouça os pobres e os aflitos, cure os doentes, levante os abatidos

e os desanimados e nos livre “da pandemia que nos atinge”. Termina com a entrega da Igreja “à guarda do Coração Imaculado de Maria” e a prece de que com ela interceda a Jesus para que acolha os que perecem, dê alento aos que a ele se consagram e renove o universo e a humanidade. Esta consagração, transmitida na comunicação social, teve grande eco em inúmeras pessoas, dando-lhes a esperança e o conforto da fé.

Este tempo de prova foi também de crescimento e amadurecimento espiritual. Conduziu-nos ao essencial da vivência cristã: a relação pessoal e comunitária com Deus. Não se pode viver a fé apenas por tradição, hábito e sacramentos. É preciso fortalecer convicções e ser capaz de fazer caminho

pelo próprio pé, perseverando com os recursos disponíveis, nas situações adversas e quando falta o suporte da comunidade. Uma fé madura requer também a capacidade de ler os sinais de Deus. Ele está mais próximo do que nos parece. Pela atenção e discernimento, identificamos os modos da sua presença nas diversas circunstâncias da vida. O exemplo do Papa Francisco e de muitos cristãos empenhados no serviço aos outros por amor e generosidade faz-nos perceber que a vivência da fé está não apenas nos atos de piedade, mas também na dedicação aos outros e no modo como encaramos e orientamos a vida inspirados e sustentados pelo amor e a graça que nos vêm de Deus.

Neste tempo, Maria teve uma presença discreta, mas muito ativa. Muitos recorreram a ela através de gestos e orações, especialmente o rosário. O seu apoio materno e intercessão foram fundamentais para a vivência com a luz, o ânimo e o suporte da fé.

Pe Jorge Guarda  
Vigário geral da Diocese de Leiria-Fátima

Papa Francisco celebra a Páscoa na capela de Santa Marta para o Mundo



# Pe. Formigão e Jacinta: Vidas de Luz

ANA PAULA TEIXEIRA

**A** identidade gráfica representada pelo quadro de porcelana que a Congregação fixou na Capela do Hospital Dona Estefânia, no dia 8 de fevereiro de 2020, reflete a experiência mística vivenciada por Jacinta e Formigão, onde o real se enlaça com o divino. A afinidade das suas vidas remete para uma realidade em equilíbrio com o divino, representado pela envolvimento da luz e pela unidade circular, em amor oblato.

**ESCOLHIDOS DESDE TODA A ETERNIDADE** para realizarem juntos um projeto de Deus em favor da humanidade, Jacinta e Formigão são os alicerces e a referência da nossa espiritualidade. São o modelo do nosso Carisma Reparador. As suas vidas unem-se, a partir dos colóquios íntimos gerados no contexto das Aparições de Nossa Senhora, apesar da diferença de idade. Os apelos de nossa Senhora, densos de sobrenatural e de entrega, definem o vínculo estabelecido entre estas duas almas puras que passam a nortear as suas vidas pelo pleno cumprimento dos desejos amorosos da Senhora mais brilhante que o Sol. Ficam eternamente ligados, no amor a nossa Senhora, na paixão pela Eucaristia, na predileção pelos pecadores, no amor à Igreja, ao Santo Padre e no zelo da missão Reparadora.

Para a Jacinta tudo começa no estranho gesto de um Anjo, com a fronte curvada até ao chão a convidar, a prosstrar a vida diante de Deus, e depois, no



ousado convite de uma Senhora cheia de luz que a chama a uma história de amizade. Seduzida por aqueles encontros imprevisíveis, Jacinta tornou-se testemunha de um Olhar que a cativou. Nesta criança extraordinária acontece uma mudança radical dos seus interesses pois tudo passa a centrar-se no querer de Deus mas não tem a pretensão de compreender tudo o que dizem. Jacinta manifesta apenas o desejo de converter os pecadores e a salvação da Humanidade.

## A vocação de reparar

No hospital, doente e mergulhada numa atroz solidão, mas absorva em Deus, recebe do Céu uma mensa-

gem com um recado específico dirigido ao Pe. Formigão: **“É preciso que haja quem faça reparação”.**

Nossa Senhora, mais uma vez une estes dois corações através deste apelo claro e incisivo e vão procurar dar-lhe cumprimento de acordo com a generosidade, fortaleza, e persistência de alma que os caracteriza.

Jacinta intensifica a sua entrega, oferecendo tudo em Reparação para Deus inclusive o sacrifício da solidão na morte num hospital em Lisboa. Formigão, mergulhado no mais profundo e sofrido discernimento, oferecia a sua vida toda para corresponder ao dom que Fátima representaria para a Igreja. Concluiu que a melhor forma

[Fotos\_ Arquivo MNF]

de dar cumprimento ao apelo de Nossa Senhora seria fundar um Instituto Religioso cujo carisma fosse a Reparação. Levou por diante este projeto com tenacidade e humildade, evitando a todo o custo falar de si, para que se tornasse manifesto o objeto do seu testemunho: a presença da Reparação na sua vida e na vida do mundo. Nunca se sentiu Fundador. Considerou como Fundadora e Mestra a pequena Jacinta com quem manteve colóquios íntimos e espirituais. Os dois se deixaram acompanhar pela Luz que atravessava os seus corações e as suas vidas e determinaram-se pela espiritualidade Reparadora em Congregação.

Este *modus existendi* exige fidelidade à Aliança, requer que se aprenda do Criador o que significa a vida de reparação e o difícil índole inventivo necessário ao sacrifício, isto é, ao dom

de si. Jacinta e Formigão, duas pessoas comuns que Deus aproximou para uma experiência transcendente reparadora.

Os dois sabiam oferecer a vida para que os pecadores se convertam. Sabiam que Deus que os visitara para os convidar à sua intimidade, e os abraçou a partir dos recantos mais sagrados das suas entranhas profundas, onde se diz e faz a própria identidade Reparadora. Jacinta sabia que não poderia ficar indiferente ao Deus-seu-amigo que a amava, a Deus que alimentou uma amizade tão íntima na sua vida de criança, na sua Alma simples e dedicada que não consegue guardar só para si a alegria interior que Deus lhe sopra e a beleza da Senhora que a atrai, dá sentido ao seu sofrimento pela conversão e reparação da humanidade. Pe. Formigão vive este Mistério de Amor em intensidade e em cumplicidade porque a Reparação faz-

-se de Adoração, Àquele que é o grande Reparador e só na medida em que se descobre tomado pelos desígnios de misericórdia de Deus e olhado por um olhar que transforma o coração em candura e limpidez, pode oferecer-se como a Jacinta, a primeira testemunha e vidente da beleza que Deus é e dá.

Amável Santa Jacinta e Venerável Formigão, o vosso exemplo nos intima a uma vida de radicalidade evangélica na dimensão reparadora e eucarística. Humildemente vos rogamos, que nos alcanceis do Céu, a graça de nos tornarmos testemunhas visíveis da misericórdia de Deus pela Humanidade, incessantes reparadoras dos Corações de Jesus e de Maria e apóstolas da Mensagem de Fátima, e assim, a Missão Reparadora se prolongará no tempo e na história.

Ana Paula Teixeira, rf,  
Sup. Geral da Congregação



# Entrevista ao Presidente da CEP

PAULO ROCHA

Bispo da Diocese de Setúbal



*O novo Presidente da Conferência Episcopal aponta para um trabalho em rede na Igreja Católica em Portugal, diz que «bispos sem trabalho não existem», recorda as suas raízes na Ilha da Madeira e os caminhos abertos pelo «mar imenso» que partiu do desejo de ser missionário. Paulo Rocha da Agência Ecclesia conduziu a entrevista.*

Agência Ecclesia – **D. José Ornelas foi missionário antes de ser padre, pertenceu a uma congregação missionária, queria ser missionário depois de ter sido responsável pelos Sacerdotes do Coração de Jesus (Dehonianos) em**

**todo o mundo. Esta responsabilidade de ser presidente da Conferência Episcopal Portuguesa que missão é?**

D. José Ornelas – *Ser enviado não é uma missão que se escolhe! É a que vai sendo necessária e que se recebe.*

**AE – E foi nesse espírito que a aceitou?**

OC – *Eu não escolhi ser bispo e, sendo bispo de Setúbal, é inerente a essa função ser parte da Igreja em Portugal e estar ao seu serviço para o que for preciso. Dessa responsabilidade faz parte ter o cuidado, juntamente com os outros bispos, da Igreja em Portugal.*

*Bispos sem trabalho não existem. Todos tinham as mesmas objeções que eu tenho: uma diocese para cuidar, todos bem*

[Fotos\_ECCLESIA]

ocupados e uma missão destas, que agora é proposta, tem de se equacionar juntamente com outras responsabilidades e é isso que vamos fazer.

**AE – Perspetiva-se um trabalho a dobrar? Em que consiste ser presidente da Conferência Episcopal?**

OC – Tenho de aprender... Não sei!

**AE – Mas há ocupações específicas da Conferência Episcopal...?**

OC – É evidente que há! Há ocupações, há preocupações, atenções especiais a ter que se vão conjugar com as que agora tenho. Antes de ser bispo, eu sabia o que era ser bispo, sabia tudo! Depois quando fui eleito bispo de Setúbal, perdi as certezas e comecei a aprender...

**AE – E foi muito diferente do que tinha pensado?**

OC – Não, foi real. Acho que se não tivermos algum sonho quando começamos uma missão, não é bom. Mas também levar as perspetivas todas já feitas é muito mau!

Lembro-me que, quando cheguei a Setúbal, chegou também a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, na preparação do jubileu. Chegou à Sé no mesmo dia em que eu fui ordenado. E quando começamos a programar, o primeiro pensamento foi “vai ser uma grande confusão”.

Mas depois comecei a pensar: não, é uma grandíssima oportunidade. Nos 15 dias seguintes em que a Imagem Peregrina ficou na diocese, todas as noites acompanhei a imagem numa procissão. Fiz mais quilómetros de procissão nesses dias do que tinha feito na vida toda.

**AE – E ficou a conhecer a Diocese...**

OC – “With Mary, by night...!” Porque era sempre à noite! De dia havia mais coisas para fazer. Eu ia pondo os pés no chão e dizia: “Põe os pés nesta terra... Põe os pés nesta terra!”

A própria ideia de missão é essa: não é uma questão simplesmente de geografia, mas tem de ser pôr os pés no terreno onde se está! A grande mensagem de missão da Igreja é ir ao encontro do mundo, onde ele está e como está. A Igreja foi mudando

com a sua missão: nasceu dentro de um ambiente judaico e, quando começa a confrontar-se com aquilo que não é judaico, tem de mudar o seu “cartão de identidade”. Não aquilo que crê ou aquilo que leva, mas a sua forma de estar: vai fixar residência pelo mundo inteiro, o que significa assumir as cores e os critérios do lugar e amassá-los com o fundamento do Evangelho.

**SER PRESIDENTE DA CEP**

**AE – Há uma marca na Vida Religiosa que é a comunidade e na sua experiência de superior-geral de uma congregação, feita de contactos, de diálogo, de respeito pelas diferenças. Essa marca passará para o presidente da Conferência Episcopal?**

OC – Devagar! Uma das coisas que disse quando cheguei a Setúbal foi que a experiência de governo, de 12 anos como superior geral, não serve. É um falso semelhante. Tem os mesmos valores, mas modos de ser diferente. Eu disse a mim mesmo: não vais transformar a diocese numa congregação religiosa.

**AE – E o mesmo se aplica à Conferência Episcopal?**

OC – À Conferência Episcopal, aplica-se mais ainda! Falar de governo na Conferência Episcopal é completamente desajustado...

**AE – Não é uma assembleia legislativa ou governativa?**

OC – Tem faculdades de dar orientações, mas a tradição da Igreja é de igrejas locais, desafiadas a trabalhar em rede e em subsidiariedade. A Igreja vive na família, na paróquia, na diocese, em conjuntos de dioceses que caracterizam a Igreja num país. Mas é nas dioceses, em rede de comunhão através da figura do Papa, que se realiza a unidade da Igreja.

Os bispos são a expressão de cada igreja local. Encontrarem-se juntos é fundamental para realizar a unidade da Igreja, o que se chama a colegialidade, e é muito semelhante ao que existe na Vida Religiosa onde em qualquer nível de decisão há sempre um conselho, uma forma colegial de analisar as coisas. Depois, quem governa, atua!

A Conferência Episcopal é a reunião dos representantes das várias dioceses. Não tem um papel propriamente de governo, mas de coordenação da missão apostólica.



**AE – E quando em causa está a identificação de uma voz para o diálogo entre a Igreja e a restante sociedade? É difícil que os vários setores da sociedade tenham 20 vozes de diálogo, de 20 dioceses... A Conferência Episcopal não tem de funcionar como voz de diálogo?**

OC – *Funciona e tem de funcionar cada vez melhor, nesse sentido! Trabalhamos em rede, como igrejas fraternas, que se juntam para serem a Igreja em Portugal, no contexto sociológico onde nós nos inserimos.*

### **TRIÉNIO 2020-2023**

**AE – Gravamos esta conversa na sala onde foi eleito e um dia depois da eleição para presidente da CEP. O que espera para este triénio da Conferência Episcopal Portuguesa?**

OC – *Sempre admirei a CEP! Não somos bons no sentido de ser perfeitos, mas quando às vezes se especula sobre as divisões entre bispos, não tenho notado isso. Somos diferentes e temos opiniões diferentes, sim. Mas os pronunciamentos da conferência são praticamente unânimes.*

*Que precisamos de mudar e de melhorar a articulação, de nos aproximarmos em conjunto à realidade, de repensar tudo isso, de estabelecer novos laços de cooperação e de trabalhar em conjunto dentro da Igreja, sim! E precisamos de dinamizar o espírito de missão, o que significa amassar o Evangelho com a realidade em que vivemos e encontrar linguagens novas para o mundo de hoje.*

*A pandemia, por exemplo, veio-nos ajudar a descobrir muitas*

*coisas, como noutros setores da sociedade portuguesa. E as coisas novas, algumas delas, vão ser importantes, vão ser grandes utensílios para o futuro. Na última Assembleia Plenária aprovámos um documento sobre o nosso olhar sobre a sociedade durante e a que vai saindo da pandemia, mas temos agendado um discurso semelhante sobre a Igreja. Não foi feito ainda, porque tudo isto está numa evolução muito grande.*

**AE – A Igreja pós-pandemia?**

OC – *A Igreja pós-pandemia! Isto é muito dramático. Mas das pandemias nascem sempre mundos novos. E eu espero que esta experiência nos faça entender muitas coisas: uma Igreja que precisa de estar mais em rede, próxima daqueles que estão mais nas periferias e na atenção aos mais frágeis, porque nos pobres decide-se a civilização que queremos criar.*

*As empresas, com mais ou menos desenvolvimento tecnológico, são mais ou menos prósperas. Mas é necessário saber se as empresas geram verdadeira riqueza e humanização ou pobreza e explorados. E é ao nível dos pobres que se vê se a “temperatura” passou os limites do razoável e começamos a ter uma pandemia. Diz-nos o Evangelho e confirma-o uma pandemia: os pobres têm de ser o fulcro da atenção porque é por aí que construímos uma sociedade mais justa e melhor.*

*A Igreja tem um papel importante, não para se substituir a ninguém nem para se pôr em bicos de pés, mas porque traz para a construção desse mundo uma experiência, uma memória de humanismo, e procura um futuro que vai para além de todas as pandemias e de tudo o resto: a presença de Cristo vivo e presente que não se esgota no momento da História. É com Ele que nós olhamos, com responsabilidade, esforço e otimismo, este mundo em que vivemos, porque é possível fazer um mundo melhor.*

ECCLESIA

NOTA: A revista STELLA pretende dar a conhecer aos nossos leitores D. José Ornelas que foi eleito Presidente da CEP substituindo o Cardeal Dom Manuel Clemente, e que cumpriu durante dois triénios a mesma missão e, por isso, com a devida vénia, publica uma parte da entrevista emitida no programa 70x7 do dia 21 de junho, na RTP2.



## SABOREAR A VIDA COMO ELE

---

Feliz o Pe. Formigão,  
Que fez caminho até si mesmo  
E sem dar lugar no seu coração a fantasias estéreis,  
Enfrentou cada dia com a sua própria realidade.

Feliz  
Porque não se considerou desprovido de todo o valor,  
E, cultivando os dons recebidos,  
Abriu-se ao infinito de Deus que morava nele.

Feliz  
Por que se reconheceu necessitado e faminto  
De algo que o superou e dinamizou  
Mais além dos limites do seu eu possessivo.

Feliz  
Porque odiou as respostas prefabricadas,  
E, buscou, mesmo incompreendido e só,  
A verdade que o libertou de toda a rotina existencial.

Feliz o Pe. Formigão,  
Que cultivou as raízes da sua solidariedade universal  
E aceitou que a sua vida seria mais bela e fecunda  
Quanto mais fundo baixasse na terra da dor partilhada.

Ele foi uma primavera na história dos homens  
E os medos, os vazios e os desesperos  
Que habitam o coração de tantos irmãos,  
Não têm já poder de morte para muitos,  
Graças ao impulso do Amor que dele receberam.

Feliz  
Por que se propôs acima de tudo ser fiel a si mesmo,  
Porque em si mesmo,  
foi caminho para encontro de Deus com os Homens.

# Na Cova da Iria

INEZ VIEIRA



Nos dias longos de confinamento, acompanhei o Santuário de Fátima através dos meios de comunicação que em fidelidade aos pedidos da Senhora mais brilhante que o Sol, focou diariamente a Oração pela fragilidade humana e ofereceu recursos digitais para se dialogar com a Mãe do Céu. Tivemos oportunidade de embalar a fragilidade dos outros e a nossa própria, junto ao Imaculado Coração de Maria. Sentimo-nos ajudados a reencontrar o fio do

sentido sobre o que estávamos a viver, mesmo que fosse ínfimo e trémulo, pois é particularmente difícil contactar com o sofrimento submerso na pandemia e abraçar a dor de isolamento que nos custa reconhecer.

Muitos soubemos acolher as mensagens de conforto deste Santuário: *“A fé é uma relação pessoal, que nos resgata do medo neste momento de tribulação e nos dá esperança”*, dizia o Reitor deste Santuário, pois *“esta pan-*

*demia que o mundo enfrenta, veio pôr a descoberto medos e fragilidades, e falsas seguranças”*.

Tem sido importante esta presença da Mãe que nos ajuda a identificar a dor com esperança e confiança na misericórdia que o Pai nos dá e, ao mesmo tempo, ajuda-nos a entender a dor que os outros transportam, e a aproximar a nossa e a sua verdade.

Quem passa diariamente para a Adoração na Capela do Santíssimo Sa-

[Foto\_SF]



cramento, admira com espanto o silêncio nunca visto no grandioso recinto do Santuário vazio, a não ser, poucas vezes em plena estação invernososa.

O testemunho cheio de esperança e de amor ao Santuário da COVA DA IRIA, versado nestas quadras pelo Apóstolo de Fátima em janeiro de 1944, é lenitivo que alimenta a nossa esperança.

### NA COVA DA IRIA

Silêncio! Nesta estância sagrada,  
As almas só respiram o ar do Céu,  
Dos Anjos passa névea revoada,  
Detém-lhe o olhar da Virgem sem labéu.

Silêncio! A Mãe de Deus – visão piedosa  
Repete ainda a magistral lição  
Que deu aos pastorinhos – luminosa  
Lição de paz, de amor e de perdão.

A “Cova da Iria” oásis desta vida  
Como os Reis Magos, guia a eterna luz,  
As multidões que em incessante lida,  
Seguem as vozes e os passos de Jesus.

O triste aqui depara o bem que anseia,  
o justo, Fé mais viva e mais amor,  
de graças levam todos a alma cheia,  
alcança o enfermo alívio à sua dor.

Éden terreal que os homens delicia,  
Lindo Tabor de Luz, de gozo e paz,  
A Fátima é um mimo com Maria  
Tirou do peito e a nós, seus filhos, traz.

Ali envolve em meiga luz peregrina  
A terra e o Céu esplêndido fanal:  
- o sol de Deus que as almas ilumina  
E unge de glória o novo Portugal!

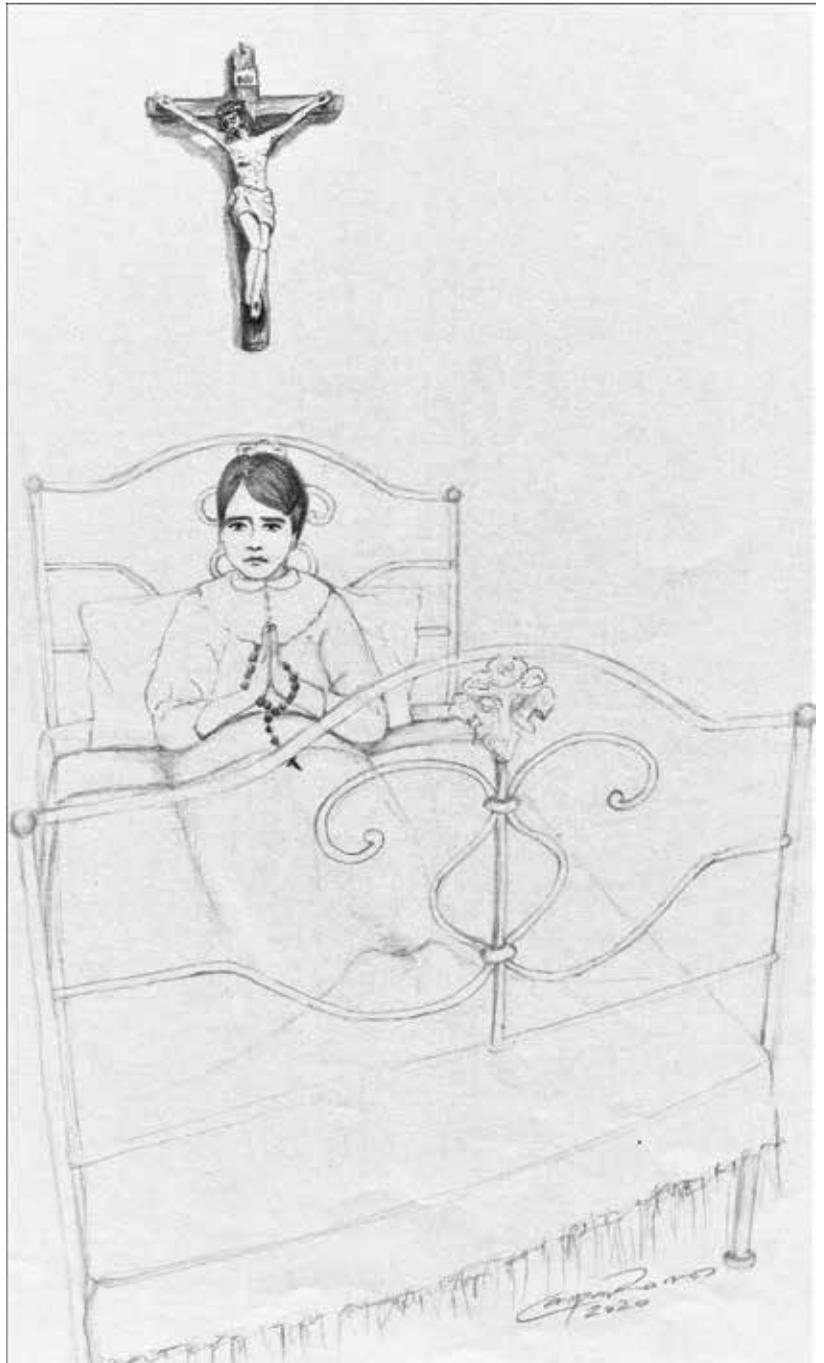
Pe. Manuel Nunes Formigão  
Fátima, janeiro de 1944

# Valorizar o Sacrifício

CARLA RAMOS

**O**ferecei constantemente, ao Altíssimo, orações e sacrifícios”, disse o Anjo aos pastorinhos na segunda aparição de 1916. Ao perguntar como se podiam sacrificar, Lúcia obteve esta resposta: **“De tudo que puderdes, oferecei a Deus sacrifício** em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. (...) **Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar**” (Memórias, p. 78). Nestas palavras os pastorinhos logravam “compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrifício e como ele Lhe era agradável, como, por atenção a ele, convertia os pecadores” (p. 170). Apesar de serem crianças, daí em diante discorreram diversos sacrifícios, inclusive a mortificação das ortigas e a da corda, conforme Lúcia relata: “Poucos dias depois de adoecer, [a Jacinta] entregou-me a corda que usava...” (p. 111). Noutra ocasião, conta que depois de ofertar a merenda “passámos um dia de **jejum, que nem o do mais austero cartuxo!**” (p. 46).

Comparativamente, pode dizer-se que na atualidade nos afastamos cada vez mais desta profundidade espiritual. Talvez por sermos a geração dos analgésicos e das anestésias, tanto física como espiritualmente, qualquer dor ou sofrimento nos causa imensa relutância ou mesmo repulsa, substituindo-se o espírito de mortificação pela busca incessante de conforto, prazer e comodidade. Contudo, indaguemos se será mais perfeita esta visão do século XXI do que a da maioria dos santos com a sua fervorosa ascese, nos anteriores vinte séculos da Igreja. Ao invés, hoje abunda uma fé amenizada pelo aumento da nossa incapacidade de aceitação da verdadeira linguagem do Amor Divino: *“o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar*



a sua vida para resgatar a multidão” (Mt 20, 28; cf. Mc 10, 45). Neste sentido, S. Pedro exortou: “Cristo também padeceu por vós, deixando-vos o exemplo, para que sigais os seus passos” (1 Pe 2, 21).

Como no Getsémani, em agonia, Jesus orou «Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua» (Lc 22, 42), assim, unidos ao perfeito sacrifício de Cristo, procuremos cumprir sempre os decretos da Divina Vontade, para Sua glória e salvação das almas, como afirma S. Paulo a Timóteo: “tudo suportar pelos eleitos, para que também eles alcancem a salvação em Cristo Jesus e a glória eterna” (2Tm 2, 10).

Nesta perspetiva, na aparição de julho de 1917, Nossa Senhora pediu: “**Sacrificai-vos pelos pecadores** e dissei a Jesus, muitas vezes, em especial **sempre que fizerdes algum sacrifício**: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria” (Memórias, p. 87). De facto, a par da conversão e oração, a penitência e o sacrifício são um constante pedido da Virgem Maria nas suas aparições, pelo elevado valor espiritual deste como expiação, reparação, restauração e reconstrução da humanidade pecadora. Por isso, ainda que não a consigamos entender; à imitação do Nosso Redentor, a cruz deve ser amada, visto que “ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos” (Jo 15, 13). E Jesus encorajou-nos: “No mundo, tereis tribulações; mas tende confiança: Eu já venci o mundo!” (Jo 16, 33).

Também S. Paulo reforçou: “É precisamente porque Ele mesmo sofreu e foi posto à prova, que pode socorrer os que são postos à prova” (Heb 2, 18). Com esta certeza, os membros de Cristo não se deixam abater perante as penas, dificuldades ou aflições, aparentemente intransponíveis ou infundáveis, e até mesmo perante o martírio (como se tem verificado ao longo da História da Igreja). Porque “se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos” (Rm 6, 8), e então os “que semeiam com lágrimas, vão recolher com alegria” (Sl 126, 5). De forma inconsciente, mas perfeita, disto se apropriou Santa Jacinta.

Lúcia relata que a “**Jacinta parecia insaciável na prática do sacrifício**” (Memórias, p. 47) e Maria Santíssima anunciava-lhe “novas cruces e sacrifícios” (p. 62), como confidenciou: “Nossa Senhora quer que eu vá para dois hospitais; mas não é para me curar, é para **sofrer mais por amor de Nosso Senhor e pelos pecadores**” (p. 116). Às vezes, ela assim orava: “Ó Jesus, agora podes converter muitos pecadores, porque este sacrifício é muito grande!” (p. 62). Tomando o seu santo exemplo, reforcemos a prática da mortificação recomendada pela Santíssima Virgem na aparição de agosto: “Rezai, rezai muito, e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno, por não haver quem se sacrifique e peça por elas” (p. 92).

Por conseguinte, que à pergunta da pequenina Jacinta, “**Já fizeste hoje muitos sacrifícios?**” (p. 59), possamos nós dar a sua própria resposta: “**Eu fiz muitos!**”

Carla Ramos,  
Presidente da ORF, núcleo de FÁTIMA

# Aquela contínua luta contra um tempo disforme

TIMOTHY RADCLIFFE

Nos dias 22 e 23 de janeiro de 2020, o diretor-geral da OMS presidiu a um comité de emergência para avaliar se o novo vírus, que se tinha desenvolvido a partir de Wuhan, constituía ou não um problema de emergência sanitária internacional. O comité não conseguiu chegar a acordo. No dia seguinte, a 24 de janeiro, o Papa Francisco publicava a sua Mensagem, para a 54ª Jornada Mundial da Comunicação Social, sobre a arte da narração. O mundo estava a tomar consciência de um novo flagelo global. Que histórias poderemos contar acerca da pandemia?

O Papa afirma que temos necessidade de histórias “para não nos perdermos... histórias que nos ajudem a encontrar a raiz e a força para caminharmos juntos”. A nossas histórias comunitárias e individuais forjam o nosso sentido do tempo de tal modo que possamos navegar com esperança rumo a um futuro. Neste tempo de confinamento os calendários que nos projetam para um futuro desapareceram. Os encontros familiares para matrimónios e funerais não foram possíveis, não pudémos celebrar as grandes solenidades do ano litúrgico; mesmo o calendário desportivo não nos oferece o sentido da expectativa. O nosso tempo tornou-se informe. Uma pandemia faz-nos perder o sentido de orientação. Temos necessidade de histórias que modelem a nossa vida em tempo de calamidade.

Providencialmente a mensagem do Papa inicia com uma citação: “para que as possas contar e fixar na



memória” (Ex 10, 2). Esta citação refere-se diretamente às pragas infligidas aos egípcios. O sangue dos cordeiros nos umbrais das casas dos hebreus salvou-os da última praga: a morte dos primogénitos varões. As pragas na Bíblia colocam-nos diante da morte, não só como destino inevitável para todo o vivente, mas também como expressão de um poder desapiedado que só o Senhor da vida e da morte pode exercer.

Todas as pandemias contêm a referência apocalíptica do “cavalo esverdeado. Aquele que o montava chamava-se morte e o inferno seguia-o” (Ap 6, 8).

As epidemias lançaram, fre-

quentemente, as sombras da morte sobre a humanidade mas, até agora, nunca estivémos tão conscientes de uma ameaça global. Todos os dias vejo o número de vítimas em todos os países do mundo. Que história de esperança é que o Cristianismo pode oferecer perante o COVID-19?

A Páscoa hebraica era uma memória das pragas que conduziram à libertação da escravidão do Egito. Esta memória forjou o confronto do Senhor com o inimigo maior da humanidade: a morte, na noite que precedeu a sua entrega por traição. É esta a história com a qual podemos encontrar orientação

[Foto\_STELLA]



num tempo de calamidade. Naquela noite ruía tudo o que dava orientação e direção aos discípulos. Tudo aquilo em que tinham posto as suas esperanças estava para se desfazer. Diante deles aparecia apenas a traição, a negação, a deserção, a rotura daquela pequena comunidade e a paixão e a morte daquele que os chamava seus amigos. Como afirmaram os discípulos no caminho de Emaús: *“nós esperávamos que fosse ele a libertar Israel”* (Lc 24, 21). A Cruz não aparecia só como a morte de uma pessoa, mas a vitória da própria morte.

Por isso, o gesto de Jesus ao tomar o pão, abençoá-lo e declarar que era

o seu corpo e que o vinho era o seu sangue foi um gesto que oferecia uma esperança que ia muito além daquilo que eles podiam imaginar. Não só contrastava com a sua morte e o dia que lhe sucederia, mas contrastava o reino da morte e projetava para a vitória do dia de Páscoa.

O esplendor do drama daquela última noite pode experimentar-se, de algum modo, em situações nas quais a morte estende, por momentos, a sua obscura sombra sobre os povos. Este facto tocou-me, pela primeira vez, durante uma visita ao Ruanda em 1993, quando o genocídio estava a iniciar. Tinha de ir visitar as irmãs dominicanas

do norte do país, quando o embaixador belga nos avisou que devíamos permanecer em casa porque o País estava debaixo de fogo; mas mesmo assim partimos. Depois de um dia cheio de experiências de violência, de rebeldes e soldados, de crianças mutiladas pelas minas, consegui encontrar as minhas irmãs dominicanas. Que podia dizer diante de tais horrores? Não tinha palavras. Depois lembrei-me que tinha que reiterar uma memória e uma promessa que desafiavam a morte e prometiam comunhão quando a humanidade permanecia dispersa. É esta a história com a qual desafiamos a ameaça da pestilência, por isso é muito triste que a maior parte das pessoas não se possa reunir para a celebrar e deva assistir online.

A mensagem do Papa Francisco para a Jornada Mundial das Comunicações Sociais é um convite a recordar que mesmo no isolamento das nossas casas podemos sustentar a comunhão com ajudas que não eram possíveis no passado.

Respondamos à crise global com a comunhão global. As pessoas que assistem à Eucaristia quotidiana online a partir do meu convento de Oxford são o triplo das que vinham à igreja antes do Covid-19. Recebo um tsunami de e-mails e de telefonemas. Uso, como nunca até agora, o Skype e o Zoom. Como é que poderemos superar tudo isto?

Timothy Radcliffe  
Tradução de Frei Rui Lopes, op.

# Breves Notas Musicais

PAULO BERNARDINO



Quem teve a oportunidade de ler a última publicação da *STELLA*, deparou-se com uma breve biografia do ilustríssimo padre e compositor Manuel Faria (1916-1983). Apesar do interesse da mesma, imagino que a respetiva publicação tenha motivado alguma curiosidade quanto ao seu móbil. Na verdade, “Manuel Faria” – mais especificamente a sua obra orquestral – é o objeto de investigação dos meus trabalhos doutorais e, nas minhas pesquisas, “descobri” que, em tempos, teria escrito dois textos para a *STELLA*. No contacto com a redação, graças à preciosíssima ajuda e dedicação da Irmã Inez Vieira, vim a saber que na realidade se tratavam de seis textos e, que um deles, pertencia a um conjunto de cinco



sob o mote *A Arte dos Sons* (vide *STELLA* n.º 698, pp. 22-23). Contudo, a minha solicitação terá aguçado a curiosidade da diretora da revista que, entretanto, se perdera na leitura das revistas da *STELLA* de antigamente, numa altura em que o periódico se dedicava à educação e formação da mulher portuguesa. E o que foi ela encontrar? Mais do que a colaboração pontual de Manuel Faria, constatou a existência de um cantinho musical, “alimentado” por muitos e longos anos por uma das mulheres portuguesas e musicólogas mais notáveis do séc. XX, Júlia d’Almendra, mulher leiga que iniciou um intenso e imparável movimento gregoriano em todo o país, com particular destaque para as *Semanas Gregorianas de Fátima*

e a criação do *Instituto Gregoriano de Lisboa*.

Munida desse precioso repertório musical, e sob o feitiço do adágio de Aristóteles “*A música é celeste, de natureza divina e de tal beleza que encanta a alma e a eleva acima da sua condição*”, não tardou em lançar-me o exigente – mas simultaneamente estimulante – repto de retomar as pegadas de tão eminente compositor e musicóloga. Desafio aceite, cá fica o *Prelúdio* de futuras Breves Notas Musicais (atente-se à curiosidade de “breves” e “notas” constituírem, respetivamente, elementos da figuração rítmica e melódica). Ao adágio de Aristóteles acrescento, enquanto diretor artístico de vários coros, um aforismo de Confúcio, filósofo anterior ao primeiro: “*Quereis saber se um povo é bem governado e tem bons costumes? Escutai a sua música*”.

## Prelúdio

No *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* encontramos, entre outras, a seguinte definição: “**mú-si-ca** (*latim musica, -ae, música, instrução, habilidade*); substantivo feminino; Organização de sons com intenções estéticas, artísticas ou lúdicas, variáveis de acordo com o autor, com a zona geográfica, com a época, etc.”

Esta definição, pouco ou nada elucidativa, comprova que na nossa língua o valor da música reside no substantivo e não no verbo. Assim, somos “forçados” a assumir a música como um produto em vez de um processo, o

[Fotos\_Paulo Bernardino]

que muitas vezes contribui para uma superficialidade da nossa vivência musical. Tomemos como exemplo algumas outras artes: ninguém diz *vou dançar uma dança*, ou então, *vou pintar uma pintura*, mas sim, *vou dançar*, *vou pintar*... vou musicar?

Nem sempre assim foi. Basta pensar no que fazemos habitualmente numa festa de aniversário no momento de apagar as velas. Quem recita os pa-

*rabéns*? E quanto ao hino nacional? É declamado? Certamente que não. Estes exemplos expõem de forma clara como a música é, por vezes, mais do que um mero produto e como a sua *praxis* constitui parte integrante de um “rito” e não se limita a ornamentá-lo. Estes assuntos pertencem à esfera da *Ética Musical* que, ao longo da história da música, tem andado de mãos dadas com a *Estética*. Por sua vez, a *História da Música*

é outra de muitas disciplinas que compõem a paleta das *Ciências Musicais*, bem como a *Organologia*, disciplina que trata da descrição e da classificação dos instrumentos musicais e que, por sua vez, constitui um subcapítulo da *Acústica*, ramo da física que estuda o fenómeno da produção, propagação e receção sonora. Não esqueçamos também a *Composição*, a *Etnomusicologia*, a própria *performance* e muitas outras. Assim, neste nosso novo espaço, procurarei futuramente abordar temas, saberes e curiosidades das mais variadas matérias musicais na expectativa de serem do vosso agrado.

A título de desafio, fica um pequeno teste: de onde vêm os nomes das notas e figuras musicais? Têm algum significado? Porque usam os povos nórdicos uma outra nomenclatura? O violino e o piano são instrumentos de corda. São da mesma família? O que os distingue? Ah! O piano é de teclas! Mas a trompa também... E agora? Porque é que uma orquestra afina sempre pelo oboé? E quem é o concertino? É aquele que toca concertina? E a concertina é a mesma coisa que o acordeão? E a sanfona? Quem sabe que o padre ruivo teve problemas com os seus superiores hierárquicos por interromper uma missa para ir à sacristia rascunhar um tema musical que lhe surgiu enquanto presidia à celebração? Um bónus para quem identificou o padre ruivo como sendo António Vivaldi!

Paulo Bernardino  
Maestro, Organista, Compositor,  
Professor e Investigador

Frei Angélico \_Coroação da Virgem de Florença



**NUNOBRAS EMPREITEIROS**  
 www.nunobras.pt

SERVIÇOS  
 24 HORAS



INSTALAÇÕES ELÉTRICAS  
 CANALIZAÇÕES  
 ESTORES E PERSIANAS  
 TELHADOS  
 OBRAS E PROJETOS

geral@nunobras.pt

220991893 221118807 CONSULTORES IMOBILIÁRIOS

Praceta Dom Nuno Álvares Pereira, 20, 1º, Sala AN  
 Edifício Dom Nuno 4450-218 MATOSINHOS

## CASA DO APÓSTOLO DE FÁTIMA



Horário  
 todos os dias  
 9:00 - 18:00

Entrada Livre

Casa N.º S.º das Dores - Irmãs  
 Reparadoras de N.º S.º de Fátima  
 Rua Francisco Marto, 203  
 Fátima

marcação de visitas para grupos:  
 249539240

www.reparadorasfatima.pt



construções

**divireis**

Alvará nº 35393

www.divireis.pt

Av. Beato Nuno, Edf. Sol Nascente, n.º 348 B  
 Cova da Iria - 2495-401 FÁTIMA  
 Telf.: 249 531 211 • Fax. 249 538 357 • www.divireis.pt

MUITO MAIS QUE O SIMPLES OLHAR



**rosa d'ouro**

FÁTIMA Rua dos Menfortinos 249 530 080

NAZARÉ Rua dos Galeões | Edifício SolMar, loja 3 262 561 689

www.optica-rosadouro.pt



**Coelho & Sá, L<sup>da</sup>**

**INDÚSTRIA ALIMENTAR**

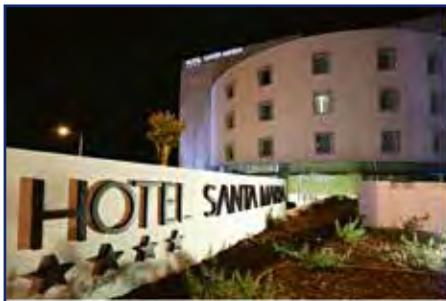
Padaria e confeitaria  
 conservas de frutos em calda e cristalizados  
 doces, frutas secas e amêndoas

Rua Jacinta Marto, 78 - R/C - 2495-450 FÁTIMA  
 Tel. Fáb. 249 532 045 • Fax. 249 531 445  
 Serv. Com. 249 532 447 • coelhoesa@telepac.pt

**COLORFOTO**

FOTOGRAFIA E VIDEO

Colorfoto - Fotografia e Video  
 Morada Praça Paulo VI, n.º 9 - 2495-409 Fátima  
 Telefone 249 533 828 E-mail colorfotofatima@sapo.pt



Rua de Santo António  
2495-430 Fátima  
Tel: 249 530 110 | Fax: 249 530 119  
www.hotelstmaria.com | info@hotelstmaria.com

  
Hotel Santa Maria  
FÁTIMA  
★★★★

Avenida D. José Alves Correia da Silva  
2495-402 Fátima  
Tel: 249 530 120 | Fax: 249 530 129  
www.hotelsaojose.com | info@hotelsaojose.com

hotel  são José  
FÁTIMA  
★★★★

# A maior Paramentaria da Europa

## PARAMENTARIA DE FÁTIMA

Estrada de Leiria – Apartado 70 | 2496-908 Fátima – Portugal | TELEF 249 532 350/1 – FAX 249 532 326 | www.artesacris.com • comercial@artesacris.com

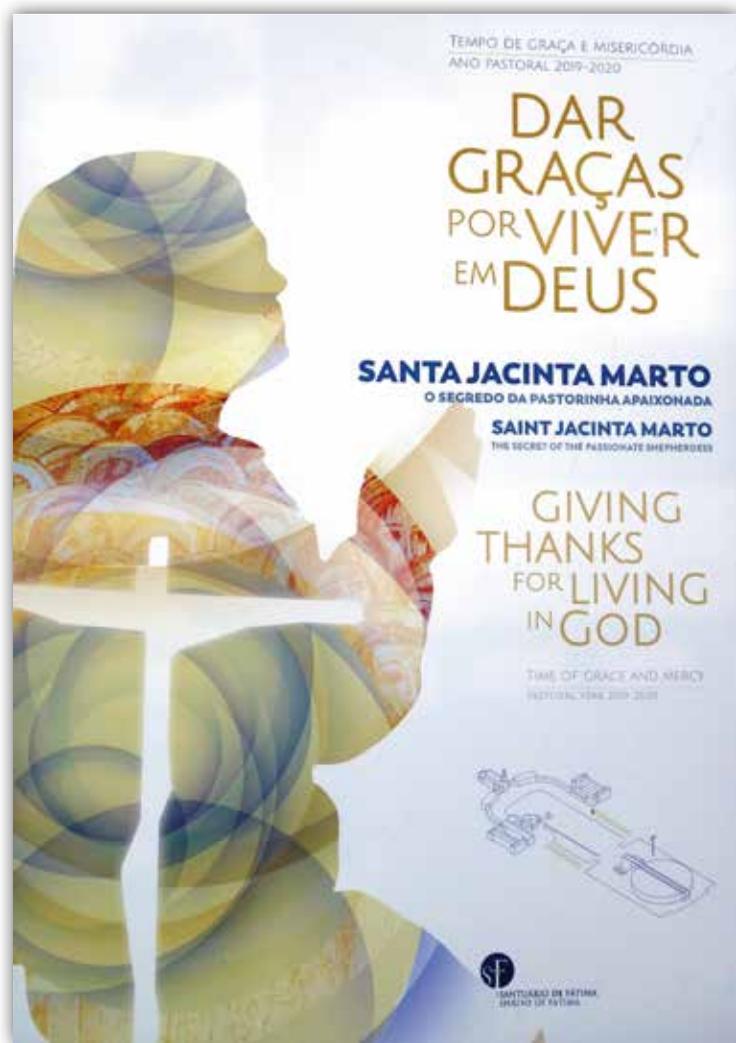
pedo  Jovem  
clínica médica e dentária

Diretora Clínica  
Dra. Paula Marto



CONSULTAS\_ 2ª a Sábado das 09h às 13h e das 14h às 20h

Edifício Três Reis, 14 - 1.º U, Rotunda Sul - Fátima \* telf./fax 249 531 275 \* telm. 969512482 \* email: pedojovem@hotmail.com



[Foto\_STELLA],  
Do Expositor N.º1 que se encontra na Alameda do lado direito, do Santuário de Fátima